

Ir ao mar buscar laranjas e voltar com terra dentro dos olhos

Em 1981, J. H. Santos Barros deixava por escrito um testemunho curioso sobre a poesia dos Açores. Sem hesitações, o poeta terceirense acusava as gentes das ilhas de reconhecer tardiamente os seus valores literários, esperando primeiro por uma inequívoca comprovação de talento no plano nacional, a qual raramente acontecia sem uma saída do arquipélago.

Acusação contundente, a queixa de Santos Barros é comparável na sua dureza à denúncia que 16 anos depois António Sérgio Silva faria sobre o mesmo assunto, agora envolvendo no ambiente literário insular uma generosidade excessiva no acolhimento de versos sem qualidade literária.

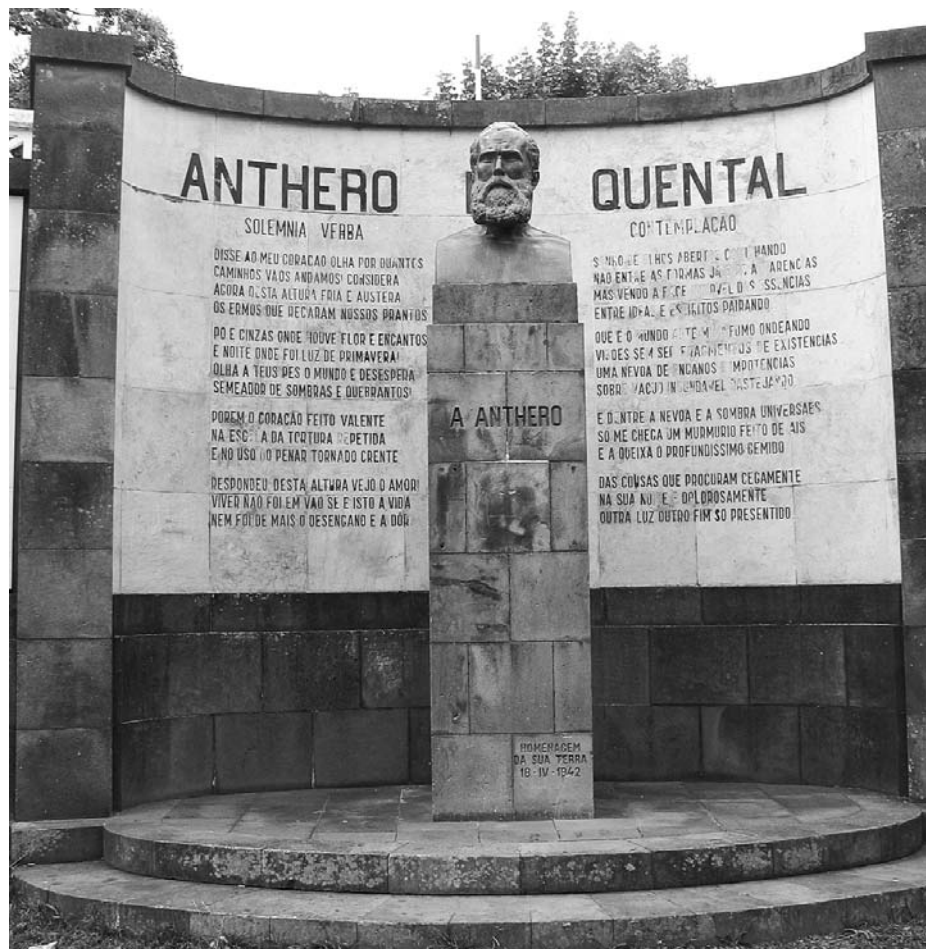
Contrariamente ao que poderá parecer a um primeiro olhar, estas duas visões não são opostas, mas complementares, pondo em evidência quer a infiltração de uma cultura predominantemente literária nos Açores, que explica a atração por exercícios realizados, por vezes, sem a consciência das próprias fragilidades, quer a consciência do atraso das ilhas, dependentes de validação externa para o reconhecimento público das ambições e talentos locais.

Este quadro poderá estar desatualizado. Tem, todavia, o interesse de apontar para o caudal poético do arquipélago, o qual, por seu turno, deverá ser compreendido através da interação de diversos fatores. Lançando um conceito que viria a revelar-se central para a análise desta questão, Vitorino Nemésio cunha o termo *açorianidade*, procurando com ele sintetizar a diversidade de toda uma cultura no caráter dialético de tensões várias, entre as quais se evidencia o apego à ilha e a saída para o mundo.

É fácil verificar quanto a poesia das ilhas vive das especificidades do meio insular: vegetação abundante, nuvens baixas, espiritualidade de índole religiosa, atividade sísmica e vulcânica, e temas como o mar, Deus, a sensação dos limites, a saudade ou a emigração enxertaram nos versos dos poetas toda uma simbólica que refunde em matéria literária os elementos físicos, sociais, económicos e religiosos do arquipélago.

Por vezes, esta tendência manifesta-se no articulado de um evidente regionalismo rural, como acontece em Armando Côrtes-Rodrigues; outras vezes apresenta-se em inglês e com ar universal. «Azorean torpor» (Pedro da Silveira e Nemésio) «Spleen» (Roberto de Mesquita) e «Despondency» (Antero de Quental) são exemplos de títulos que imprimem no universo literário a assinatura do mundo físico.

Mas é no tratamento poético do mar que as condições peculiares da insularidade açoriana se infiltram com especial nitidez. Distância sonhada ou temida, angústia de



Monumento a Antero de Quental, da autoria do escultor açoriano Ernesto Canto da Maia (1890-1981), inaugurado a 18 de Abril de 1942, dia do centenário do nascimento do poeta. Na parede curva que envolve o busto estão gravados os sonetos "Solemnia Verba" e "Contemplanção".

partida e até imagem de crueldade e morte (veja-se o «mar de metal», de Roberto de Mesquita, a imagem da ilha morrendo devagar «num derreter de círio», de Álvaro de Oliveira, ou o «estorvo de lava, sal», com que Urbano Bettencourt evoca a ilha de «Antero»), a vastidão oceânica permite ao ilhéu uma experiência única de despojamento. «És isto» diz o poeta à «Ilha ao longe» (Nemésio): «Evocação de légua: / O que me deste dou-te».

Na ilha, nada se (re)tem: a casa é concha, pedra e viagem. Nem a configuração humana se mantém intacta. Pensar a ilha, senti-la e recriá-la é *sentir-se* ilha também – bicho, rocha, espuma efémera. Até no fim imaginado em «Rota de Ítaca» (Marcolino Candeias), «o mar também é terra onde morar».

Noutros casos, os mares congregados são os de uma memória literária sem fronteiras, potenciada por uma intensa consciência do presente histórico. A sustentação filosófica acompanhada de referências culturais acompanha o movimento de saída para o mundo. Esta tendência, muito clara em Antero (cuja obra, animada pela demanda filosófica, acaba por afundar o poeta num «Tormento do Ideal»: «Conheci a Beleza que não morre/ E fiquei triste») torna-se uma presença importante em Natália Correia (em quem via-

gens e leituras confluem com cultos e saberes antigos, estéticas exigentes e modelos literários de grande rigor formal), e em Emanuel Félix (que logra colocar em diálogo as grandes referências da cultura mundial e manter-se atento às correntes do seu tempo).

Para estes poetas, a criação literária é ainda um meio para o autoconhecimento – isto é, para o conhecimento de si como parte do Todo. É de Natália a ambição de em si se cumprir «o alto sentido/ do fruto na árvore/ incontido». Outras vezes, a poesia é autorreflexiva: «Nada digo por hábito/ tudo o que vem de ti/ Nasce de novo// Nada digo de novo/ sobrevo/ o deserto movente das palavras» (Emanuel Félix).

Noutro registo, os muito conhecidos Almeida Firmino e Eduíno de Jesus enveredam por um estilo coloquial, com ritmos e arranjos simples, mas eficazes. Em moldes muito diferentes, o pouco conhecido José Sebag é indispensável para se conhecer a participação dos Açores na cartografia da poesia de vanguarda.

Na geração nascida nos anos 40-50 do século XX, observa-se ainda não só a sombra da guerra colonial (de que é exemplo «Borboleta negra», de Daniel de Sá) como uma aproximação sentimental entre os açorianos das ilhas e os da diáspora ame-

ricana. Vasco Pereira da Costa recria em *My Californian Friends* a mundividência açoriana em terras americanas, combinando elementos etnográficos com alfinetadas críticas às modas que subvertem a tradição.

Poeta de fragmentos difíceis, Emanuel Jorge Botelho evidencia-se por um rigor extremo na seleção das palavras, de que arranca qualidades musicais e uma precisão semântica que consiste em dizer apenas o necessário, sem ruído ou desperdício, recriando o quotidiano com sentidos mínimos e, apesar disso, completos.

José Martins Garcia explode por entre esta geração, com uma obra diversificada e dura, em que estão presentes os grandes e os pequenos dramas dum «Signo insulado»: «no fundo dum poço sofre uma ilha [...] no fundo dum poço secou uma ilha [...] no fundo do mar morreu uma ilha// enlouquecer é morrer numa ilha [...] no fundo dum poço correcto lugar».

Muitos outros poetas podiam estar aqui representados. Mas nesta breve panorâmica da poesia dos Açores, concluir com a geração mais jovem é uma exigência que demonstra quão viva está a expressão de um património poético que transborda para fora do arquipélago.

O roteiro íntimo da poesia de Renata Correia Botelho, não se fixando na ilha, dela retém propriedades distintivas que dispõe ao lado de elementos estranhos à vida insular: a voz que tem «um seixo em cada mão e o mar/ às costas» viaja por mundos vários, à semelhança da água, que «sempre em direção à terra/ [...] procura nas ervas um coração a bater».

Estamos perante um legado imaterial com raízes fundas na matéria física da condição insular. Das *laranjas* que o *Cancioneiro popular* situa, por equívoco (ou acerto) poético, no mar, à terra que o poema de Emanuel Jorge Botelho localiza «dentro dos olhos» da ilha, passando pelas «Califórnia perdidas de abundância», de Pedro da Silveira, os caminhos da poesia e dos poetas dos Açores, por mais nómadas que sejam, acabam abraçados às ilhas, porque, como diz Daniel Gonçalves, poeta de rumores vindos de fora, «parados também vivemos// as vidas que quisermos». ♦

LEONOR SAMPAIO DA SILVA
UNIVERSIDADE DOS AÇORES
LOSAMPAIO@UAC.PT

PROMOTOR



Governo dos Açores
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO
Direção Regional da Cultura